EPISTASIA DA DECOERÊNCIA.

Capítulo 1

Esquadrão Schrödinger

Sábado, 27 de setembro de 2036

O jovem vestiu um longo casaco preto e, olhando para o próprio reflexo na superfície do metal, ajeitou o cabelo castanho-avermelhado.

Ele deu três passos para trás e passou algum tempo olhando melhor o grande artefato em que havia trabalhado. Ele achava que, como a máquina do tempo era completamente funcional, merecia algum tipo de nome. Seguindo a tradição, ele precisava ter o número consecutivo do future gadget anterior. Apesar de suas intenções de afastá-lo de seus verdadeiros criadores, ele não queria abandonar esse costume. Então, ele o chamaria de "K204 (nome sujeito a alterações)", até ele pensar em algo melhor.

As semelhanças da máquina do tempo com um satélite antigo, adicionada à aparência Cyberpunk do casaco que ele escolheu, o que fez o jovem se sentir como o personagem principal de uma antiga série de ficção científica. Como se ele fosse começar uma aventura no estilo da Space Opera com um toque de ficção histórica; ou talvez fosse mais apropriado esperar um tipo de suspense, com ação, drama, comédia e, por último mas não menos importante, romance. Isso seria bom para ele.

A única coisa que faltava era que ele começasse a narrar. Então, inspirando-se em um programa que lembrava de ter visto quando criança, começou a recitar a grande introdução em sua mente:

"Tempo: a verdadeira fronteira final."

Superando limites que se acreditava intransponíveis, importa se o homem chega a Marte? Chegar ao espaço era apenas uma questão de tempo e derrotar o último seria seu objetivo.

"Nossa missão: explorar o passado para consertar a teia de grades temporais, viajando para lugares onde nenhum homem foi antes".

Quem controla o tempo pode controlar tudo: passado, presente e futuro são uma coisa só. Tudo podia ser mudado, nada era inalterável. A atual realidade circulante, que seus pais chamavam de "Steins Gate" poderia ser corrigida. Ele usaria essa invenção para isso.

"É isso aí. Você não disse que eu era um tolo por querer viajar no tempo?"

Ele contou para figura que invadiu sua mente.

"Talvez você quisesse tentar e fracassou, mas eu mostrei que sou melhor. Terminei sua invenção e a aceitarei sem sua permissão. Vou consertar o que você não se atreve. 'Ninguém deve interferir com o Steins Gate?', 'Devemos aceitar a realidade como ela é?', não me faça rir."

Ele sentiu o repentino desejo de imitar aquela risada maligna que ouviu tantas vezes em sua infância. Ele cruzou os braços na frente dele e respirou fundo.

-Fuahahahahaha! - Sua voz ressoou por toda a sala.

Sim, a imitação foi muito boa; ele poderia até receber um prêmio por isso. Mas ele logo ouviu alguns passos atravessando o recinto e entrou em alerta.

Ele também estava lá? Ele o pegou? O jovem trabalhava secretamente o tempo todo, mas nunca tirou o aparelho do local em que o abandonaram. Talvez ele tivesse descoberto seu trabalho. Talvez ele tentasse detê-lo.

O jovem fechou os punhos. Ele não permitiria que eles o parassem. Ele se virava e o encarava, se necessário: não importava o que ele dissesse. Ele iria para o passado, consertar tudo, não se importava com mais nada, ele…

-O que é tão engraçado Keitarou?

Uma jovem mulher com duas longas tranças vestindo roupas esportivas verde-escuras estava ao seu lado.

-Hashida-san! - Keitarou exclamou, sentindo um grande alívio. - Estou feliz que é você.

-Claro, sou eu. Você estava esperando por outra pessoa? - Ela respondeu, inclinando a cabeça. - Diga-me, o que você estava pensando antes? Você parecia estar se divertindo e eu quero rir também.

-Nada de especial. Você trouxe suas coisas?

Talvez essa fosse uma pergunta desnecessária, pois a garota carregava uma grande mochila de estilo militar nas costas. Em vez de responder, ela o encarou. Ela percebeu que sua amiga queria desviar sua curiosidade.

-Se você não quer me dizer o que estava pensando, vou tentar adivinhar. - E colocando a mão no queixo, ela começou a pensar sobre isso. - Sim, entendi! Deve ter sido isso.

Keitarou olhou para ela, intrigado. Sua querida amiga de infância adorava jogar esse tipo de jogo. Ele se perguntou se desta vez ela havia conseguido descobrir seus pensamentos.

O olhar de Hashida parecia sério.

-Eu sei, você estava pensando em algumas coisas pervertidas e é por isso que você não quer me dizer! - Ela disse, apontando para Keitarou com um dedo acusador.

Um breve silêncio seguiu a acusação enquanto ela abaixava o dedo e lhe lançava um olhar malicioso.

-Na verdade, tenho certeza de que foi algo extremamente perverso pela maneira como você estava rindo, semelhante a uma história netorare (traição) ou talvez algo com tentáculos, não é?

-Claro que não, Hashida-san! - Keitarou finalmente respondeu. - Por que você sempre tem que assumir essas coisas?

-Eh? Não foi isso? Bem, parece que eu entendi errado de novo, não fique tão ofendido. - Ela acrescentou, mantendo o sorriso e esfregando a cabeça. - Mas devido à sua reação quando cheguei aqui, eu juro que você estava pensando em alguém. Eu me pergunto quem poderia ser...

Depois de adicionar esse comentário, e enquanto pensava na pessoa da mente de sua amiga, Hashida se ocupou em passear pelo aparato imponente.

Keitarou não conseguia tirar os olhos da figura atlética atraente andando pela sala. Ele sabia que, por trás daquela aparência feminina, oculta, havia uma grande lutadora que podia derrotar mil homens em uma luta. No entanto, apesar de se considerar um "soldado em treinamento", Hashida manteve sua personalidade feliz e tratou todos ao seu redor com bondade.

Todos, exceto Keitarou, é claro. Ela adorava zombar dele todas as chances que tinha, mas isso realmente importa? Ela era sua melhor amiga e estava lá para acompanhá-lo como sua leal mão direita.

-A única pessoa em que posso pensar agora é na Hashida Suzuha.

Ele disse isso em voz baixa; ele pensou que ela não o ouviria devido à distância entre eles. Mas depois de dizer isso, a garota mencionada se virou e olhou para ele.

-Espere! Não pense que eu falei isso de uma maneira pervertida! - Ele exclamou nervosamente. - O que eu quis dizer foi que eu, eu, Hashida-san...

-Eu entendo por que você está tão feliz, Keitarou. - Ela o interrompeu. - Parece fenomenal agora que está terminado. Surpreende-me que nossos pais tenham projetado isso, é uma invenção incrível.

A máquina do tempo foi idéia dos pais de Keitarou, com a colaboração do pai de Suzuha. Essas três mentes brilhantes unidas haviam realizado o planejamento de um dispositivo tão magnífico que poderia viajar para o passado e o presente sem usar grandes quantidades de combustível no processo.

No entanto, antes de o aparelho terminar e os últimos detalhes técnicos resolvidos, eles abandonaram o projeto e a máquina foi deixada em um galpão alugado ao lado de outros dispositivos defeituosos ou incompletos. Seus filhos descobriram sua existência por mera sorte.

Keitarou decidiu aproveitar o protótipo e, sem avisar aos ex-proprietários, ele se dedicou a completar o aparelho e fazê-lo funcionar. Após sete meses de trabalho, ele finalmente alcançou seu objetivo. O resultado deu a ele a maior satisfação que ele já sentiu em sua vida.

-Escute Hashida-san. - ele chamou a atenção da amiga. - Em breve viajaremos para o passado nesta máquina. Agradeço por responder ao meu pedido de ajuda para a missão que decidi assumir. Como recompensa, eu Okabe Keitarou, prometo a você que, no seu décimo nono aniversário, depois de concluir nosso trabalho no ano de 2012, levarei você ao tempo da história que desejar visitar. "

-Sério? Você pode me levar para onde eu quiser? - Suzuha perguntou alegremente.

-É claro. - Ele confirmou. - Para os Jardins da Babilônia, as Pirâmides Maias ou mesmo para o primeiro Kinkaku-ji. Nenhum desses lugares será um grande desafio, porque esta máquina está calibrada para viajar tanto no tempo e espaço. Essa foi minha melhor melhoria pessoal em relação à versão original, que só podia se mover em uma das quatro dimensões.

Fez uma breve pausa para consertar a gola do casaco e continuou o discurso com um comportamento confiante.

-A partir de agora, nossa equipe se chamará "Esquadrão Schrödinger". Com esse nome, faremos história como os primeiros viajantes do tempo no mundo. Sei que você gosta de ser a líder Hashida-san, mas acho que devo ser aquele que guiará esta expedição.

-Eu vou deixar você fazer isso, mas só desta vez apenas. - ela respondeu, sorrindo ainda.

A excitação de Keitarou continuava aumentando a cada palavra que ele dizia e, depois de ouvir a resposta de sua amiga, não parava agora. Enquanto subia os degraus da máquina, ele começou a proclamar:

-Vamos fazer isso. O esquadrão Schrödinger viajará para o passado e descobrirá todos os segredos da história! O mundo não será capaz de esconder nada de nós! - ele exclamou, chegando com entusiasmo. - Com sua força e minha mente, superaremos todos os obstáculos, e nada pode nos impedir enquanto estivermos juntos. Prometo que você e eu vamos experimentar uma grande aventura, Hashida Suzuha!

Ele disse essas palavras honestamente, confiando que ela havia percebido qual era o verdadeiro sentimento dele. Não foi a primeira vez que ele expressou suas intenções, mas ele ainda esperava que desta vez, ela as notasse.

Em vez disso, Suzuha começou a rir sem parar. Suas risadas altas eram tão fortes e tão longas que ela teve que segurar a barriga com uma mão, enquanto secava as lágrimas que saíam dos olhos cor de âmbar com a outra.

Okabe Keitarou sentiu-se humilhado. Ele desceu os degraus e seus joelhos tremeram, fazendo-o quase cair no chão. Mas ele não queria desistir dos pequenos restos de sua masculinidade já machucada.

Não importava quantas vezes Suzuha a tenha destruído com suas reações inesperadas, mas ele não desistiu.

-Sou uma piada para você, Hashida-san? - ele perguntou com firmeza.

-Não é isso Keitarou, por favor, não fique bravo. - ela respondeu, enquanto tentava parar de rir. - É só que você... você estava...

Sem sucesso, ela começou a rir novamente, o que incomodava Keitarou.

-Eu o quê? Diga-me logo o que é tão engraçado! - Ele mandou.

Ela conseguiu se conter e se preparou para conversar, mantendo o sorriso habitual, mas com um tom mais sério em sua voz.

-Veja bem, primeiro é o nome que você nos deu, depois o discurso que fez e, por último, o casaco que está vestindo.

-O que há de errado com meu casaco? - ele perguntou. - Eu acho que parece bom.

-Essa coisa? Eu nem acredito que as pessoas em 2012 usem isso, embora você sempre goste de se vestir de maneira estranha.

Mas Keitarou acreditava que não havia nada de errado com seu senso de moda. Ele confiava que havia herdado o bom gosto de moda da sua mãe.

Ele cruzou os braços e levantou uma sobrancelha, esperando que ela explicasse seus verdadeiros pensamentos.

- Suspeitei assim que ouvi você quando entrei. - Suzuha confessou. - O que você fez antes foi nada mais do que agir como tio Okarin!

Keitarou não gostou do comentário e olhou para ela com um olhar confuso, como se ele não entendesse o que ela estava dizendo.

- E a parte mais engraçada foi que você fez do seu jeito, entende agora, criança do futuro?

-Sim, eu já o imitava antes, mas apenas aquela risada boba que ele tem. - Ele refutou. - Além disso, você sabe muito bem que eu não me pareço com esse cara, então não me compare com ele.

-Vamos, Keitarou, pare de ser tão mal-humorado e admita que, afinal, ele é seu pai. - ela reprovou. - Você não deveria se envergonhar, na verdade, eu acho muito fofo você tentar parecer com ele.

Fofo? Ela realmente usou essa palavra?

Suzuha pode ser alguns meses mais velha, mas ele não era um garoto para ser tratado como tal. Além disso, quando se tratava de ser comparado ao pai, Okabe Keitarou não queria admitir nenhuma semelhança. Fazer isso era inconcebível.

-Não, Hashida-san, você está errada. - ele negou. - Pare de imaginar que eu não quero ser como aquele perdedor do Hououin Kyouma.

-Papai não é um perdedor.

Uma voz foi ouvida do outro lado da sala e chamou a atenção dos jovens, que se viraram para o local de onde vinham.

-Bom dia Shizuka-chan. - Suzuha cumprimentou. - Eu não vi você aí.

-Bom dia. - foi a resposta dela.

Em um canto, ao lado de sua bolsa e com um grande coelho de pelúcia como bagagem, estava Okabe Shizuka. Ela mal era uma adolescente com grandes olhos castanhos claros e longos cabelos negros. Pode-se dizer que sua aparência infantil lhe dava um certo encanto; mas, como o nome dela denunciou (Shizuka é um nome que significa "Aroma sutil" em japonês), sua maior característica não estava em falar muito. Era raro quando ela se expressava por qualquer meio e, se não fosse pelas poucas vezes em que fazia alguns comentários quando queria intervir no que estava acontecendo ao seu redor, sua presença passava despercebida.

Keitarou olhou para sua irmã mais nova com nojo. Ele sabia que ela odiava desperdiçar suas palavras sem uma boa razão, mas, mesmo assim, ela escolheu defender o pai. Ele não conseguia entendê-la.

-Você conseguiu Shizuka?

Ela fez um movimento afirmativo com a cabeça e deu a seu irmão os três celulares que até um momento atrás estavam em sua posse. Ela trabalhou neles por muito tempo.

-O que é isso? Eles parecem muito antigos, para que você precisa deles? - Suzuha perguntou.

-É assim que nos comunicamos quando chegamos ao passado. São os modelos da época. Consegui fazê-los funcionar e pedi à Shizuka para codificá-los para que ninguém pudesse nos interceptar.

A codificação da adolescente tinha que ser infalível. Afinal, Okabe Shizuka era o discípula favorita de Hashida Itaru, que a treinou na arte de todos os códigos de programação desenvolvidos desde os anos 80. Ela também era especialista em segurança da informação e hacker experiente com apenas quatorze anos de idade, sendo capaz de superar todas as barreiras de segurança com uma facilidade monstruosa.

Até seu pai gostava de admitir que ela era "uma amante do caos, da destruição, e acima de tudo, de coelhos saltadores, gênio da TI".

Suzuha se sentiu desconfortável. Ela não gostou da idéia de desistir de sua tecnologia usual, mas entendeu que a camuflagem era uma característica necessária para todos os soldados ativos, de modo que não era esse o motivo de seu desconforto. Sua principal preocupação era o fato de Shizuka os acompanhar.

Keitarou insistiu que Shizuka poderia ser útil no passado, mas a jovem com as tranças não podia confiar em pessoas capazes de trair os outros. Como o irmão de Shizuka não conseguiu concluir a máquina do tempo sem a ajuda dos projetos originais, foi Shizuka quem os levou sem permissão do computador de seu professor. Um hacker hackeou outro hacker.

Mesmo assim, Suzuha decidiu deixar para lá e não disse nada sobre isso.

Sem ter que esperar mais ninguém, o esquadrão Schrödinger estava pronto para partir.

Eles prenderam a bagagem no assento vazio de uma máquina. Foi originalmente projetado para transportar quatro pessoas, mas o esquadrão consistia em apenas três.

-Posso pilotá-la? - Suzuha perguntou, sentando-se ao lado do painel de controle. - Sinto que sei como fazê-lo.

Seu amigo deu sua aprovação. Apesar das possíveis complicações, ele sabia que a máquina estava segura. Ele a testou com viagens curtas, tanto para o passado quanto para o futuro, sempre tentando não chegar a datas que pudessem causar problemas. A pior parte das experiências foi ter que evitar encontrar-se ou ficar fora por muito tempo. Indo e vindo imediatamente não era recomendado, porque o uso intensivo poderia superaquecer o aparelho. Então, ele teve que esperar pelo menos algumas horas entre os testes. As viagens nunca duraram alguns dias de deslocamento temporal.

Se riscos inesperados fossem possíveis ao tentar voltar 24 anos no tempo, o protocolo ainda era o mesmo para todas as ações. A única coisa necessária era inserir a data no relógio e a localização desejada no mapa de coordenadas: a localização já havia sido predeterminada. Se tivesse funcionado antes, funcionaria agora.

Shizuka era o única que não estava a bordo e estava olhando da entrada sem se mover.

-Entre já, você não quer comprar esse computador antigo? - Keitarou insistiu lá dentro. - Qual era o nome dele? N3Xt Computer?

-IBN 5100. - ela respondeu.

-Isso. Você terá uma chance melhor de encontrá-lo no passado do que apenas ficar aqui.

Sem falar mais palavras, o último membro da tripulação se sentou em seu assento. O coelho estava no colo dela.

Hashida Suzuha inseriu a data no painel e puxou uma alavanca. A porta se fechou e a máquina começou a funcionar. No entanto, a viagem não seria imediata, então eles tiveram que esperar um breve lapso para chegar ao seu destino. O silêncio ficou mais profundo à medida que passavam pelas dimensões.

-Diga-me novamente, por que o ano de 2012 especificamente? - Suzuha perguntou, tentando quebrar o silêncio.

-Os cálculos teóricos indicam esse ano como o início da superposição de linhas do mundo. Além disso, tenho uma pista sobre a data em que meus pais poderiam ter trabalhado juntos no que estou procurando.

-Você tem certeza de que vai curar suas amnésias com isso? Porque eu não entendo o que uma coisa tem a ver com a outra. Quero dizer, você não nasceu ainda.

A pergunta foi difícil de responder. As amnésias que Keitarou sofre são tão peculiares que nem sua mãe, uma grande neurocientista e especialista no campo da memória humana, havia encontrado uma solução eficaz para combatê-las. No entanto, o jovem sabia que a causa não era um erro fisiológico que poderia ser tratado, mas um efeito secundário das imperfeições da física do tempo.

-Tenho certeza. - ele respondeu.

-Só espero que voltemos para casa antes da tarde. Mamãe prometeu me fazer um bolo gigantesco.

-Não se preocupe Hashida-san, minha prioridade será que vocês voltem com segurança. Além disso, se as coisas derem tudo errado e você estiver em perigo, eu...

-Se algo de ruim acontecer, eu vou te proteger Keitarou, então não vá chorar. - Suzuha interrompeu alegremente. - Lembre-se de que precisamos jogar airsoft juntos na próxima semana. Vi uma espingarda Marucen M870 em Shinjuku que você poderia comprar com suas economias.

Antes que sua amiga pudesse começar a mostrar um pouco de interesse em investir seu dinheiro em marcadores de airsoft e acompanhá-la a jogos de sobrevivência organizados pela Resistência das Valquírias, Suzuha procurou algo no bolso.

-A propósito, eu trouxe isso para você. - ela entregou a ele um pacote. - Elas eram do meu pai. Mamãe ia se livrar delas, mas eu pensei que você gostaria delas. Sabe, elas vão ficar bem com aquele casaco estranho.

Keitarou se sentiu muito estranho por ter um objeto que pertencia a Hashida Itaru. Ele geralmente evitava esbarrar nele, que apesar de ser o melhor amigo de seu pai, o acusava de coisas irracionais, como prestar muita atenção ao mundo 3D ou pertencer a uma geração masculina que

havia perdido o hábito de jogar os jogos sagrados de eroge. Mas ele deve admitir que as luvas pretas sem dedos tinham um estilo que ele gostava.

Enquanto conversavam, algumas luzes brancas estranhas começaram a piscar por toda parte. Aquelas luzes brilhantes eram apenas um efeito secundário de um buraco negro de Kerr ao viajar no tempo, mas a cena era impressionante à vista. Até Shizuka, que geralmente parecia desinteressada, esforçou-se bastante para capturar os brilhos que cruzavam seus cabelos.

À medida que se aproximavam de seu destino, a força da gravidade começou a aumentar repentinamente e a fase final pareceu uma longa queda livre, à qual eles só puderam resistir segurando em seus assentos. Quando o tremor terminou e a máquina parou de se mover, o primeiro a soltar o cinto de segurança foi Keitarou, que então abriu a porta e saiu, seguido por Suzuha.

Ambos foram para uma grade próxima.

-Nós fizemos isso Hashida-san! - ele exclamou olhando em volta. - Nós realmente fizemos isso!

- Mas onde estamos agora?

Parecia que eles estavam no telhado de um prédio de 5 ou 6 andares aproximadamente. A vista não era muito clara e alguns arranha-céus se elevavam acima de suas cabeças. Apesar de ser manhã quando eles deixaram sua época, o sol já estava se pondo.

-Em Akihabara, escolhi este lugar porque ele será abandonado no futuro.

Olhando para baixo, eles perceberam que o lugar ainda estava funcionando. As pessoas entravam e saíam pela entrada principal; algumas pessoas andavam pelas ruas e outras dirigiam os olhos para a placa que coroava a fachada do edifício.

Hashida Suzuha temia que o aparelho pudesse se destacar e chamar a atenção das pessoas. Ela se virou para confirmar, mas atrás dela, ela só podia ver Shizuka, ao lado da bagagem que eles trouxeram para a expedição, que agora estava caída no chão.

-É coberto com camadas de invisibilidade de tecnologia plasmônica com ativação automática quando evacuada. - Keitarou esclareceu. - Eu acredito que essa é a melhor característica desta máquina.

-Mas se os botões estão invisíveis, como vamos abri-lo novamente? - a amiga dele perguntou.

-É um pouco incômodo, mas levo menos de trinta minutos para encontrar o leitor de impressão digital. - ele respondeu, admitindo que a ideia de invisibilidade era melhor na teoria do que na prática. - A parte importante é que eles não nos descubram.

-Ei você!

Um homem de meia idade abriu a porta da escada.

-Você não tem permissão para subir aqui. Além disso, acabamos de ter um terremoto. Então, saia agora antes de ter problemas.

Dada a situação atual, eles não tinham outras opções além de pegar suas coisas e descer as escadas. A máquina do tempo teria que ficar lá, esperando que eles descobrissem um lugar melhor para escondê-la.

-Com licença, senhor, o que é este edifício? - Suzuha perguntou descendo as escadas.

-O quê?! Que tipo de pergunta é essa, criança? - o homem disse. - Vai me dizer que você não conhece o lendário Super Potato? Pessoas blasfemas não são bem-vindas! Saia daqui agora!

Quando estavam lá dentro, entenderam que não era apenas uma loja. Estava repleto de parafernálias de videogames antigos, todos descontinuados de fabricação. Eles só foram capazes de reconhecê-los através de fotos que viram online quando crianças.

Apesar do movimento sísmico anterior, os visitantes não pararam de comprar o entretenimento contido em cartuchos impraticáveis de 8 e 16 bits, em CDs sensíveis a riscos e em consoles portáteis que pareciam muito pesados para aguentar por longas horas. Enquanto isso, no quinto andar, outros brincavam com botões rígidos e cabos de máquinas largas, com monitores de tubos sem função tátil.

Mas, apesar da impraticabilidade do passado, ninguém se atreveria a questionar as coisas inquebrantáveis e sagradas que o museu possuía.

O Esquadrão Schrödinger sentiu vontade de participar daquela febre retrô e, esquecendo temporariamente sua missão, eles decidiram ficar e brincar. Suzuha venceu Keitarou várias vezes nos jogos de luta, embora ele tenha conseguido uma vitória após várias tentativas. Até Shizuka alcançou uma pontuação alta em uma das máquinas e ficou cercada por uma comitiva que a encorajou, embora ela não tenha trocado uma palavra com eles.

Logo escureceu e estava na hora de sair da loja.

Já na rua, os três estavam prontos para seguir caminhos separados. As meninas ficariam juntas e procurariam um lugar onde pudessem ficar na cidade; ele iria mais longe para executar seu plano.

Eles deram as indicações finais de suas tarefas, trocaram adeus e, antes que o esquadrão se separasse definitivamente, uma voz interrompeu Keitarou.

-Onii-chan.

Ele sentiu como sua irmã estava olhando fixamente para ele quando ele se virou. Ele sabia que ela tinha uma última coisa para lhe dizer.

-Você está assustado? - ela perguntou.

-Como assim, Shizuka? Do que devo ter medo?

-De mudar a história.

Ele suspirou. Ele entendeu bem a preocupação que ela queria expressar, embora ela nem sequer mexesse um músculo em seu rosto ao dizer isso.

-Você sabe muito bem o motivo disso. Será a melhor coisa para todos nós. - Ele colocou o braço na cabeça dela, dando-lhe um golpe suave. - Então, não se preocupe comigo, irmãzinha boba. Apenas me faça o favor de não revelar sua identidade e não se meta em problemas.

Shizuka não disse mais nada.

Observaram como o parceiro caminhava em direção à estação de trem e começaram a seguir seu próprio caminho na direção oposta a Chuo Dori, desaparecendo no meio da multidão.